

# IX CONCURSO LITERÁRIO

# CAMÕES

2013/2014

CONTO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES

## Ficha técnica

<b>Organização</b>	Lídia Teixeira Teresa Saborida
<b>Autoria</b>	Mariana Gomes – 10º H, Anca Ciuntu 12º E, Inês Faria 10º B, Dinis R. Dias Tomás 11º A, Guilherme Martins 12º L Inês Brandão 10º J, Inês Carvalho 12º B, Inês Pereira Lopes 11º L, João Gonçalves Oliveira 10º C, Leonor Andrade 12º A, Mafalda Sofia F. Gomes 11º H, Maria Leonor Alves 10º A, Marta Sofia Batista Bastos 12º F, Miguel Furtado dos Santos 11º F, Pedro Castro 10º J
<b>Edição</b>	Escola Secundária de Camões 9ª edição maio 2014
<b>Disponível em</b>	
<b>Copyright</b>	Escola Secundária de Camões
<b>Capa</b>	Lino Neves

## Índice

Nota Introdutória.....	1
1º Prémio: Partidas De Um Tempo Ainda Camoniano.....	2
2º Prémio: O Artigo .....	7
3º Prémio: «Um amigo como esse que a falar amamos».....	12
Menção Honrosa: Quimera .....	16
(sem título) .....	20
Um novo começo.....	23
(sem título) .....	27
(sem título) .....	32
A Palestra.....	34
Crença e Premonições .....	38
(sem título) .....	40
A Missão .....	43
Sonho de Papel.....	47
A Infecção.....	49
Mortis Voluntariae.....	53

## Índice de Autores

Mariana Gomes – 10º H.....	2
Anca Ciuntu 12º E.....	7
Inês Faria 10º B.....	12
Dinis R. Dias Tomás 11º A.....	16
Guilherme Martins 12º L.....	20
Inês Brandão 10º J.....	23
Inês Carvalho 12º B.....	27
Inês Pereira Lopes 11º L.....	32
João Gonçalves Oliveira 10º C.....	34
Leonor Andrade 12º A.....	38
Mafalda Sofia F. Gomes 11º H.....	40
Maria Leonor Alves 10º A.....	43
Marta Sofia Batista Bastos 12º F.....	47
Miguel Furtado dos Santos 11º F.....	49
Pedro Castro 10º J.....	53

## Nota Introdutória

Esta 9ª edição do Concurso Literário Camões vem mais uma vez provar que a escola tem cumprido um dos seus objetivos, o de estimular, juntos dos alunos, as capacidades criativas de leitura e de escrita.

Nesta edição, regista-se uma participação assídua e empenhada dos alunos que responderam ao desafio lançado. Acresce o facto de, este ano, o número de textos a concurso ter aumentado em relação a edições anteriores, provando que, como nos diz o poeta, tem valido a pena, porque a “alma” dos alunos tem correspondido.

A todos os seus autores, por igual, a nossa gratidão. Sentimento que tornamos extensivo a quantos, formal ou informalmente, colaboraram e tornaram possível esta iniciativa.

Lídia Teixeira

Teresa Saborida

A comissão organizadora

(maio 2014)

---

Nesta coletânea são reproduzidos todos os textos apresentados a concurso e considerados válidos pelos júris – em primeiro lugar, os textos premiados e, em seguida, os restantes, ordenados por ordem alfabética do nome dos seus autores.

# 1º Prémio

*Mariana Gomes – 10º H*

O Tempo é sábio. Toda a gente sabe isso. Quando nós, humanos, estamos demasiado desorientados, deixamo-nos levar pela brisa e vamos viajando, viajando, viajando, até encontrarmos o nosso destino. Toda a gente confia no tempo, porque ele é leal e, mais cedo ou mais tarde, acaba por nos ajudar. Contudo, o tempo também se engana. Às vezes é traído, e anda por aí a vaguear, também desorientado, como um velho senhor que perdeu o chapéu a caminho de casa.

E foi num desses raros enganos que Afonso, aluno de Artes da Escola Básica 4º ciclo de Camões, se viu apanhado. A chuva intensa ameaçou destruir as pinturas do rapaz de 18 anos, e ele encontrou refúgio no grande cubo de betão, escondido entre o grande edifício da escola. Era o “Cubo das Memórias”, explicaram os seus padrinhos 3 anos antes, “pois é aí que se encontram registados todos os factos históricos a que este liceu assistiu. Não se deixem enganar pela construção fria deste edifício, porque o que está lá dentro é muito diferente”. Afonso concordava com os colegas. Ultrapassando a porta, entrava-se num mundo completamente diferente. Mesas bicentenárias, de madeira escura, ocupavam a sala, acolhedora, com o chão lustroso e as paredes preenchidas de quadros e documentos. Personagens importantes sorriam para a fotografia, enquanto objetos lutavam por um lugar de destaque. Afonso observou as várias imagens da sua escola, desde o edifício inaugurado pelo Rei, até ao edifício desgastado que serviu de motivo para a organização de inúmeras festas, como aquela orientada pelo seu “tetra-qualquer-coisa-avô”, João Silva. Olhou para um pequeno recorte de papel e observou a cara do parente, que exibia uma expressão de orgulho por pertencer àquela escola. Na imagem, ele estava encostado a uns cacifos, que já não existiam no presente de Afonso. Embora o edifício principal mantivesse a estrutura original, um grande W, com salas viradas para a rua, e a fachada elegante relembrando os tempos antigos,

os materiais da nova arquitetura, apostando na simplicidade da obra, eram bastante visíveis. “No entanto”, pensou, “a última remodelação deste edifício foi há mais de 50 anos, por isso não sei se «novo» é a palavra mais acertada”. Quando o liceu angariou dinheiro suficiente para a sua reconstrução, as obras foram suspensas durante algum tempo, pois os “Grandes Proprietários” ofereceram uma choruda fortuna ao governo por aquele espaço. A ideia era construir um hotel, dizia-se. Isto fez com que, quase de imediato, uma multidão de alunos e ex-alunos, assim como os amigos e familiares, se juntassem numa revolta contra a venda do espaço. Aquela foi mais uma vitória de um dos liceus mais antigos de Portugal.

Entretanto, a chuva acalmou e Afonso preparou-se para sair. Utilizou o pequeno computador que transportava no pulso para ver as horas, e verificou que estava atrasado para ir ter com Diogo, um amigo que, tal como outros, optara por ter aulas em casa. O liceu, nos dias de hoje, corria o risco de se tornar mais um daqueles edifícios em ruínas transformados em museu, como tantos outros naquela cidade. Afonso concordara em ajudar Diogo com Mandarim, já que este não se safava apenas com as informações transmitidas pelo “robot-professor” que tinha. O rapaz protegeu bem os trabalhos na mão e encaminhou-se para a saída.

Contudo, ao deixar o chão antigo pelo alcatrão molhado da rua, o Tempo deu de si e perdeu-se. Por momentos, o mar recuou, os Polos voltaram a congelar e o Sol brilhou em sítios opostos... Afonso sentiu-se tonto e avançou para fora da sala... Que já não existia! O chão alcatroado fora substituído por terra batida, o cubo tornou-se invisível e o edifício principal parecia ter retorcido uns bons anos... Afonso abanou a cabeça, sem conseguir acreditar que estava a ver o mesmo edifício das imagens de há minutos antes. Andou ao longo do espaço. O silêncio reinava, a escola parecia desabitada e vazia, sem as grandes árvores no pátio ou a música palpitante do *pop*. Afonso andou entre o passeio, observando o pátio nu. Não sabia onde estava; tudo lhe parecia familiar, mas, ao mesmo tempo, estranho.

- Menino! – chamou uma voz velhaca – Ei, rapaz! Quem é você?

Afonso olhou para o homem de bata, confuso.

- Ah... Chamo-me Afonso... Afonso Rodrigues.

O funcionário examinou o rapaz. Não reconhecia a cara dele, muito menos o apelido. Afonso obrigou-se a olhar para si mesmo; exibia a mesma roupa de sempre: os jeans vintage, o casaco de fibra orgânica, os ténis brancos... Não parecia ter nada de errado, mas o homem olhava para ele com um ar surpreendido, como se ele fosse de outro mundo. Afonso pensou nos quinhentos filmes que já tinha visto sobre viagens no tempo, e meio cético, meio preocupado, perguntou:

- Em que ano é que estamos?

- 1911, ora essa!

“2114 menos...”, começou Afonso.

- Que disparate! Oiça lá menino; não sei quem é, nem o que anda aqui a fazer, e muito menos sei porque raio está assim vestido! Bem, isto parece-me tudo muito suspeito, por isso acompanhe-me até à reitoria se não quer ter problemas...

O contínuo pegou no rapaz com um braço e encaminharam-se até à entrada do edifício. De repente, ouviu-se o ressoar de uma campainha, ao mesmo tempo que rapazes de todas as idades avançavam pelo pátio. Estavam vestidos de tons castanhos, com casacos sóbrios e camisas imaculadas. Afonso observou--os a conversarem animadamente, ainda um pouco atordoado com as diferenças entre eles e com o toque de campainha que já não ouvia, ao que lhe parecia, há uma eternidade.

O homem que o segurava libertou-o daquela distração, puxando-o para o interior. Contudo, com a mesma rapidez saíram de lá, pois foram imediatamente interrompidos por um grupo de rapazes que, em aflição, pediam ao homem para se dirigir até ao pátio. O rapaz do futuro seguiu o bando, que se amontoou junto de um grande grupo de alunos. Desviando-se deles, Afonso deu de caras com a cena mais dramática que vira até aquele dia: um rapaz e um revólver.

- É o Tomás, é o Tomás! – exclamavam as vozes do fundo.

Um rapaz de expressão decidida e olhar fixo, como se observasse algo que apenas ele conseguia ver, encontrava-se parado num vão de escadaria. Lentamente, puxou a caçadeira até ao cimo da cabeça e, num gesto teatral, fechou com força os olhos e premiu o gatilho. De novo o silêncio reinou naquela escola. Afonso olhou em pânico para aquelas caras desconhecidas; embora soubesse o que estava a acontecer. Acabara de assistir ao suicídio de Tomás

Cabreira, o melhor amigo de Mário de Sá-Carneiro, um dos grandes poetas portugueses do século XX. Lera sobre aquele acontecimento nalgum livro da biblioteca da escola e este sensibilizara-o, mas agora, ao senti-lo quase contra a sua pele, tal parecia ser irrelevante.

Uma poça de sangue formou-se à volta do corpo jazido, enquanto era rodeado de alunos com lágrimas nos olhos e palavras suplicantes. “Não, não amigo! Não o meu bravo amigo!”, gritavam.

Afonso decidiu afastar-se dali. Sentia-se ainda traumatizado pelo que vira, mas, acima de tudo, sentia que tudo aquilo era uma ilusão. Durante alguns minutos, o rapaz reviu todas as causas e consequências de estar ali. Primeiro acreditou que estava a sonhar; beliscou-se, esfregou os olhos, mas nada. “Deve haver alguma explicação cientificamente plausível para isto”, pensou; testou os seus conhecimentos a físico-química, mas nada lhe ocorreu. Uma vez passada a fase de negação, Afonso desistiu das perguntas e concentrou-se na solução – como é que iria sair dali? Lembrou-se de três ou quatro possibilidades, mas estas tinham demasiada ficção, e, uma vez que não possuía poderes mágicos nem tinha inventado uma máquina do tempo, a resposta devia ser muito mais simples do que isso.

E ao mesmo tempo que Afonso pensava como voltar ao seu presente, o Tempo encontrou o seu chapéu. Pô-lo na cabeça, disse bom dia, deu uso ao seu passo apressado e voltou para casa. A ampulheta voltou a rodar, as areias moveram-se, as partículas do tempo voltaram a encontrar-se e a bússola indicou, de novo, o Norte na sua posição original. Mais uma vez, Afonso sentiu-se enjoado, e, por momentos, perdeu-se entre os seus pensamentos e a própria vida. Regressou a si quando começou a sentir pequenos pingos a caírem em cima da sua cabeça, juntando-se à poça de água que se formava no chão negro. Afonso tinha agora na mão os esboços da aula, mas isso pouco lhe importava... O relógio marcava exatamente as mesmas horas desde a última vez que o vira; o rapaz retomou o ponto onde estava e começou a andar até casa do amigo. A caminho, ainda ofegante devido à aventura invulgar de ainda há pouco, chegou à seguinte conclusão:

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades... Mas quanto ao espírito camoniano não; é imutável ao Tempo. O Fado do Camões é mesmo esse: permanecer no coração da gente até à eternidade.”

## 2º Prémio

### O Artigo

*Anca Ciuntu 12º E*

Já estava bastante atrasada. A caminhada do arranha-céus em que vivia no 11º andar, até ao arranha-céus em que trabalhava a alguns minutos de distância não era longa, mas a chuva intensa e o chapéu-de-chuva de má qualidade não ajudavam. Atravessou a rua chegando às grades do antigo Liceu Camões, agora em ruínas e com um aspeto extremamente assustador. Costumava ouvir a avó falar sobre quão extraordinária tinha sido essa obra de arquitetura. Contudo, aos seus olhos não passava de um edifício desgastado que apenas contrastava de forma desagradável com os enormes edifícios modernos que se encontravam agora em seu redor. Nunca percebeu o porquê de ainda não ter sido destruído e substituído por algo moderno que pudesse dar rendimento. Simplesmente sabia que a sua avó, juntamente com algumas dezenas de antigos alunos, tinham comprado o terreno e o edifício, e tinham prometido nunca o vender. A parte que pertencia à sua avó estava agora nas suas mãos. E a promessa continuava com ela.

Atravessou mais uma rua e chegou ao majestoso e incrível edifício em que trabalhava como editora. Uma obra arquitetónica de 71 andares, toda espelhada, que refletia a luz do sol apenas alguns minutos durante o dia, quando esta conseguia encontrar uma brecha entre os outros monstruosos edifícios. Deitou o chapéu-de-chuva num contentor de lixo, e com as roupas a pingar entrou. Imediatamente surgiram assistentes com secadores para lhe secarem a roupa.

- Obrigada – disse ela atrapalhada – será que me podiam trazer uma chávena de chá por favor?

- Claro, menina Alana – respondeu prontamente uma das assistentes – suba que eu já lha trago.

- Obrigada – respondeu Alana. Prosseguiu a sua caminhada em direção a um dos seis elevadores. Entrou num e carregou no botão que levava ao 34º

andar. Os seus longos cabelos pretos começavam a frisar, o que lhe dava um aspeto pouco profissional. Decidiu apanhá-lo num coque. Alana tinha vinte e dois anos, mas o seu corpo franzino e estatura baixa faziam-na parecer alguns anos mais nova. Olhando-se ao espelho enquanto o elevador subia, endireitou as costas e retocou o batom. As portas do elevador abriram-se.

- Bom dia Alana! – cumprimentou-a entusiasticamente a sua colega Raquel.

- Bom dia Raquel. Sei que estou atrasada... Como é que está tudo a correr? – No dia seguinte iria ser publicada a primeira edição da aclamada revista “Frontal”. Uma revista que continha artigos das mais diversas áreas e da qual a Alana estava de certa forma responsável. Como editora, tinha que ler cada artigo e *embelezá-lo* para que atraísse a atenção do leitor. Era um trabalho que a agradava, mas sempre desejou ser um dos autores que lhe vinham entregar um desses artigos. Sempre quis ser ela a escrever algo.

- Está tudo num frenesim! Mas não te preocupes, teremos tudo pronto a tempo! – respondeu Raquel. Alana dirigiu-se ao seu gabinete, sentou-se à secretária e ligou o computador.

*Há já alguns anos que os jornais e revistas deixaram de ser impressos, e de seguida o mesmo aconteceu com os livros. As versões online surgiram já no início do século vinte e um, mas desde então, o papel começou a ficar gradualmente mais extinto. Em 2086 foram reciclados os últimos exemplares em papel de qualquer tipo de escrita. Alana nunca chegou a saber o que era folhear um livro, pegar numa caneta e escrever algo. Lembrava-se de ver a avó com um cilindro de plástico na mão a fazer movimentos ondulantes no ar e a explicar-lhe que era assim que se escrevia na sua altura, não apenas carregando em botões.*

Estava na altura de começar a trabalhar. Roendo as unhas – um hábito que desde sempre odiou, mas que nunca conseguiu perder – começou a ler e a editar artigo atrás de artigo. Poucos minutos depois foi interrompida pela assistente que ficou de lhe trazer o chá. Bebeu-o rapidamente queimando ligeiramente a língua. De seguida, continuou a carregar nos botões do teclado vigorosamente como se a sua vida dependesse disso.

Eram exatamente onze horas e quarenta e seis minutos quando a chefe da revista carregou num botão que fez a “Frontal” chegar às bancas *online*. Alana sentia-se exausta mas bastante orgulhosa do seu trabalho e feliz por fazer parte de um projeto dessa dimensão. Já a caminho em direção à sua casa, chegada à rua que se situava antes do Liceu Camões (edifício que mal se via, já que não havia qualquer iluminação ligada à sua volta), enquanto esperava que o semáforo ficasse verde para atravessar, reparou num vulto a dirigir-se para os portões do liceu. Franzindo o sobrolho, deslocou-se ligeiramente para a esquerda para ver do que se tratava. Uma pessoa, um homem, encontrava-se mesmo em frente aos portões da antiga escola segurando o que lhe pareceu ser umas chaves. Este olhou para um lado e para outro, sem reparar nela, e de seguida, mexendo ruidosamente nas chaves, introduziu uma na fechadura do portão abrindo-o lentamente. Alana ficou de boca aberta. Nunca viu ninguém a entrar nesse terreno e nunca imaginou que alguém ainda tivesse as chaves que abrissem o portão que levava ao seu interior. Atravessou a rua apressadamente e chegando ao portão, entrou hesitante para o interior do terreno. Para não dar nas vistas, dava cada passo de forma hesitante, tentando a todo o custo não se fazer ouvir. O vulto já não se encontrava por perto. Começava a ficar nervosa. E se o homem fosse perigoso? O que lhe passou pela cabeça quando decidiu segui-lo?! De repente, uma luz frágil surgiu numa das janelas do andar superior chamando-lhe imediatamente a atenção. Ele estava no interior da escola.

Sem pensar duas vezes, dirigiu-se à entrada da esquerda e empurrou a porta de madeira. Esta não se mexeu nem um centímetro. Correu para a entrada do meio e empurrando com força, abriu a porta. Esta embateu na parede, o que fez com que um barulho ensurdecedor percorresse o interior frio do edifício. Decidida a apanhar o vulto, apesar de ter a certeza de que ele já tinha percebido que não estava só, correu pela primeira escadaria que encontrou e chegada ao andar superior, reparou que tinha encontrado a sala da qual a luz provinha. A porta estava fechada, mas a luz continuava a propagar-se por debaixo desta. Inspirou fundo e deu os dois passos necessários para conseguir chegar à maçaneta. Tremendo, rodou-a e abriu a porta.

No interior, deparou-se com velas, velas que ardiam e iluminavam a sala inteira. As paredes não estavam visíveis mas sim cobertas por armários de

madeira com portas de vidro. Aproximou-se lentamente e viu aquilo que lhe pareceu como sendo retângulos com títulos de livros que ela tinha na sua biblioteca *online*. Eram livros; livros verdadeiros. Precipitou-se para uma das portas de vidro e quando ia abrindo uma delas foi interrompida por uma voz masculina:

- Se fosse a ti, não fazia isso.

Ela virou-se lentamente e reparou no vulto que tinha visto anteriormente. Tratava-se de um rapaz, um homem, significativamente mais alto que ela. Este tinha um gorro na cabeça e as mãos nos bolsos do casaco.

- O que é que...? – começou ela a perguntar.

- Não podemos tocar nos livros diretamente com as mãos – disse ele interrompendo-a –, afinal são os últimos exemplares em papel que existem. – Este começou a aproximar-se dela, o que a obrigou a dar um passo para trás até tocar com as costas num dos armários. Aproximou-se tanto que chegou a sentir a respiração dele na sua face. Olhando-a nos olhos, esticou um dos braços, abriu uma porta do armário e retirou de lá um livro. Recuou um passo e começou a folheá-lo. Alana reparou que este usava luvas. Estava a segurar um exemplar de “O Grande Gatsby”, um livro que ela nunca tinha lido.

- Como é que entraste? Ou melhor, quem é que te deu as chaves para aqui entrares? – perguntou ela sem tirar os olhos das mãos dele que continuavam a virar página após página.

- As chaves pertenciam aos meus pais, e antes disso ao meu avô. Parte deste edifício pertence-me. Creio que isso me dá o direito de te perguntar o que é que tu estás aqui a fazer? – disse ele levantando a cabeça para a encarar.

- Parte deste edifício também me pertence... És neto de um dos proprietários – deduziu ela –, tal como eu. Mas eu nunca soube da existência dessas chaves. Não sabia da existência de uma biblioteca ainda recheada de livros... Alguém mais sabe disto? – perguntou Alana.

- Um ou duas pessoas amigas. Nada mais que isso. – Semicerrando os olhos, ele aproximou-se novamente e estendeu um dos braços com a mão aberta. – Chamo-me Sebastião, e tu és a...?

- Alana. Sou a Alana. – Apertou-lhe desajeitadamente a mão, retirando-a segundos depois.

E foi esse aperto de mão desajeitado e inesperado dado com um estranho, que levou ao desenrolar de uma noite certamente peculiar, na qual a Alana ficou a saber que cada sala do Liceu estava repleta de livros fantásticos. E foi essa noite que fez com que ela escrevesse o seu primeiro artigo, artigo esse que deu a conhecer ao país inteiro o que viria a ser o Museu de Camões – o lar dos últimos exemplares em papel das obras literárias consideradas como sendo das mais importantes pelos seus antepassados.

### 3º Prémio

#### «Um amigo como esse que a falar amamos»

*Inês Faria 10º B*

Como ela odiava entrar sozinha na escola e andar a vaguear indecisa pelos pátios, meio desorientada, até encontrar alguém a quem se pudesse juntar.

Provavelmente, até nem estaria ninguém a olhar para ela, mas sentia-se prestes a desmaiar de cada vez que entrava no jardim em frente do Liceu Camões e se aproximava gradualmente da entrada cheia de alunos, ou quando cruzava o recreio, de mala ao ombro, até ao pavilhão, com a música de discoteca a acentuar a sua passagem constrangida. Era uma falta de ar, um aperto no estômago, e, principalmente, um não saber o que fazer às mãos nem para onde dirigir o olhar, que a deixavam num quase ataque de ansiedade.

Nessa manhã, por estar a chover literalmente a cântaros, com vento e trovoadas, a mãe deixou-a de carro na escola. Era ainda bastante cedo quando chegou – faltavam dez minutos para as oito horas e as aulas só começavam às oito e um quarto.

Olhou de relance para gente dispersa pelo átrio, pelos pátios e pelas varandas, lá em cima. Havia, nas madrugadas chuvosas e pouco movimentadas como aquela, algo que lhe agradava profundamente, sem que soubesse explicar porquê.

Se tivesse coragem, ia falar com o rapaz encostado à parede, sozinho, no pátio ocidental. Estava a vê-lo pelo vidro da porta, e apetecia-lhe sinceramente aproximar-se e perguntar-lhe qualquer coisa. Podia simplesmente fazer um comentário («Está imenso frio»), que soaria forçado, ou dizer uma coisa tola que o faria rir ou achá-la ridícula. Não tinha coragem para nenhuma das hipóteses, sabia. E deixou-se estar.

\*

Thomaz não estava prestes a chegar. Não chegaria nunca mais, nem ao Lyceu Camões nem a lugar nenhum, pelo menos como há dois dias, de sorriso trocista e mão estendida, com dez minutos de atraso e cigarro na boca.

E era doloroso andar pelo chão molhado dos pátios e passar debaixo dos plátanos amarelos, atravessar o varandim lajeado e entrar nas salas de aula, passar pela biblioteca e ver as poltronas, as estantes e o piano, entrar no ginásio, sentar-se nas escadas.

Se ao menos houvesse alguém com quem pudesse desabafar longamente a dor que o sufocava.

Ouvia em volta os murmúrios dos colegas, ainda chocados, apontando; sabia que estavam ansiosos por lhe perguntar coisas. Felizmente, não o fizeram. Só um deles se aproximou:

- Lamentamos muito, Sá Carneiro.

- Eu também.

«E estou completamente só», acrescentou mentalmente. Como é que o amigo, o seu melhor amigo, o abandonara assim, escandalosamente e à frente de todos, e acreditara que ele sobreviveria? Ah, sobrevivera, é certo, mas não duraria muito mais! Antes a morte que aquele vazio.

\*

Quando, depois de fingir que via as horas no telemóvel pela terceira vez, levantou a cabeça, reparou num grupo de rapazes vestidos de escuro, com boinas e camisas, que cochichavam junto às escadas. Só ela parecia tê-los visto, e ouvia-os agora distintamente:

- Coitado do Sá Carneiro... por que é que o Thomaz fez aquilo é que eu não entendo!

O Sá Carneiro?

- Desculpem, estão a falar do Mário de Sá Carneiro?

Não obteve resposta. A escola parecia agora mais escura e imponente, e, ao subir as escadas e chegar lá acima, não encontrou senão jovens como os que vira antes, de pasta e cabelos cobertos de brilhantina, à porta das salas.

Dirigiu-se à biblioteca antiga. As estantes não tinham cadeados como se habituara a ver, mas essa era das poucas diferenças observáveis. Lá estava o piano, a mesa corrida e as cadeiras, mais antiquadas, as janelas altas e brancas, as mesmas lombadas com inscrições douradas. Virada para a rua estava uma figura que lhe pareceu familiar. Chegou mais perto:

- Ontem lemos um dos seus poemas na aula – arriscou, perplexa.

A figura não se voltou.

- Ainda não escrevi nada que mereça a pena ser lido numa aula – respondeu gravemente.

- Eu também não. Mas gostava.

O vulto virou-se, e foi Mário de Sá Carneiro quem a fitou. Surpreendido, o poeta franziu as sobrancelhas:

- Não devia estar aqui, pois não?

- Não devia?

- Isto é um liceu masculino.

- O quê? O Mário de Sá Carneiro anda no Camões? Em que ano estamos?

- Estamos em mil novecentos e onze, menina. Sim, sei que já devia ter acabado o liceu, tenho quase vinte anos... Mas tive um percurso um pouco atribulado.

Mesmo havendo a forte probabilidade de estar a sonhar, a rapariga decidiu não procurar esclarecer aquele equívoco tremendo, pelo menos de momento. Não havia nada mais mágico do que estar na biblioteca do Camões a dialogar com o Mário de Sá Carneiro, a chuva a bater nas janelas e o vento a fustigar os vidros.

- Porque é que lá em baixo os seus colegas estavam a falar de si?

- Provavelmente, estão preocupados comigo. Anteontem, o meu melhor amigo, o Thomaz Cabreira Júnior, suicidou-se. Foi aqui mesmo, no liceu. E agora estas coisas todas à minha volta doem-me e incomodam-me, porque todas me lembram dele, e quem me dera por tudo que ele voltasse a aparecer e nos sentássemos aqui os dois a discutir um com o outro os nossos sonhos e as nossas vidas, as vidas e os sonhos que já não vamos poder cumprir porque ele se foi embora.

- Lamento imenso.

- Todos lamentam imenso.

- Porque é que o seu amigo se suicidou?

- Um desgosto de amor... nem sei bem. Agora estou sozinho.

- Eu estou aqui.

Mário de Sá Carneiro olhou-a com um imensa tristeza:

- Eu preciso de alguém que fique comigo e não se vá embora.

- Eu entendi perfeitamente o seu poema.
- Ah, eu perdi um grande amigo! Só eu sei como...
- Há uma coisa que gostava que lesse.
- Eu?
- Sim.

A rapariga tirou de dentro da sua mochila velha um livro de Fernando Pessoa e abriu-o na página trezentos e doze: «Sá Carneiro: *Nesse número do Orpheu que há-de ser feito com rosas e estrelas em um mundo novo.*» Estendeu-o ao poeta.

Enquanto ele se debruçava sobre os versos, curioso, ela, pela primeira vez, não ficou preocupada com o que fazer às mãos, não pensou se devia sentar-se ou ficar de pé, olhar para o chão ou para a frente; ao terminar a leitura, o poeta fechou cuidadosamente o livro e estendeu-lho.

\*

Quando voltou a descer, a rapariga viu que os jovens de fato tinham desaparecido e os alunos como ela começavam a entrar em magote. Abriu a porta que dava para o pátio ocidental e viu que o rapaz encostado à parede estava a olhar para ela.

- Acabei de apresentar o Fernando Pessoa ao Mário de Sá Carneiro.
- Riram-se os dois.

# Menção Honrosa

## Quimera

*Dinis R. Dias Tomás 11º A*

Luzes tremeluzentes de cor amarela aterram tranquilamente na plateia: Vazio. Em cada uma das cadeiras um melancólico e silencioso espectro que me fita e conseqüentemente enlouquece. Todos ante mim, cobertos por uma aura impenetrável imune a qualquer erosão: Um cemitério imutável pejado de lápides com os tormentos deste Liceu gravados. As carcaças sob elas não admitem reanimação. Eu, a alma perpetuada neste auditório, honro, aqui, a memória do infortúnio que ceifou o Liceu e Portugal.

Um século e algumas décadas atrás, em consequência do estado decadente dos cofres (e de todos os mecanismos que os enchem... ou esvaziam), todas as fronteiras, as físicas e as morais, foram cruzadas. Apesar de possuírem autorização (devidamente concedida...isso não contesto no plano físico), os “visitantes” pressionaram-nos com múltiplas imposições (também legítimas). Como já era de se esperar, os capitães da nau lusa não souberam responder à súbita agitação das marés: Como senhoras em épocas de saldos, arregaçaram as suas longas e sedosas saias ornamentadas e guincharam aos céus e aos infernos por uma salvação. Das instâncias divinas só receberam trovões e labaredas, então, como liderar os homens é tarefa que envolve suor e nervos de aço, as doces “*madames*” soltaram mais um gritinho ou dois e esconderam-se nas cabines. Atónitos com a carência de coragem nos corações dos (supostamente) bravos líderes lusitanos, os homens, entre as manobras com o leme e o armar dos canhões, pediram cordialmente às assustadas senhoras que se mostrassem ao perigo: Que deitassem ao alto mar os corpetes e as saias rendilhadas e cobrissem o corpo só com a bandeira verde-rubra. Ondas vieram, voltaram, partiram, regressaram. Dos aposentos parlamentares ouvia-se apenas pesadas respirações e discussões superficiais aliadas à ausência de meios ou instrumentos que concretizassem as conclusões (que muitas das vezes não surgiam)

A impaciência brotou: Uma árvore de tronco possante como uma rocha vigorava no centro da nau. Os frutos vieram com o tempo que se acumulou a todo o que até ali passou: Limões amargos que, maduros, espremidos derreteriam qualquer porta trancada, revestisse-a madeira ou aço. Começaram as rebeliões.

Julguei que se lutava o apodrecimento da verde-rubra: Olhava os homens e sentia-lhes o fogo nas palavras. Não as escutava, não tentava compreender: Chama assim só poderia ser patriotismo; só podia ser a ignição do mais explosivo dos fusíveis: Portugal. Então, revendo-me nos ideais, aproximei-me e juntei a minha voz à deles. Era tempo de escolher as palavras, fazer convergir os discursos e torná-los mais incisivos, cobri-los de espinhos, dar-lhes a imortalidade necessária para assegurar esta vitória e todas as deste mundo. Escutei-os. Ouvia salários... ouvia pensões...ouvia reformas, impostos, empregos, taxas... E a pátria? Onde raio estava ela? Fugira com os capitães? Caíra ao mar com a agitação? Ou seria eu um louco sustentando-me numa ilusão? As perguntas levaram-me ao delírio: Agarrei num homem e perguntei-lhe em tom efusivo o que se protestava ali:

- Lutamos contra o desemprego, amigo! – Disse-me, olhando-me como se fosse um surdo vagabundo.

Percebi que naquela embarcação não partilhava as bases com ninguém, que o fogo queimava só no meu coração e que qualquer visão que me indicasse o contrário era só as fagulhas do meu archote a ressaltarem-me para os olhos.

Semanas naquela nau ensinaram-me a política dos homens: Na sua locomotiva, o dinheiro era o mais usado dos comburentes. Desconhecia-se a intensidade nuclear do chamamento patriótico, e nem se ponderava sequer pensá-lo, examiná-lo ou testá-lo: Era mote de poemas e cantigas; mas uma mera concha oca na vida terrena. Fiquei assolado com esta conclusão: Desferiram-me um golpe fatal no espírito quando se deu prioridade à sinfonia aguda do tinir das moedas ao invés do Liceu Camões: Se houvesse umas quantas moedas extras, se os bolsos já fossem demasiado cheios para as levar, então poderiam arremessá-las para cá e nós poderíamos debruçar-nos e apanhá-las (se nenhuma mão mágica as levasse durante a trajetória). Eu questiono-me se não devia ser-nos obrigatório restaurar o que o tempo tenta erodir? Se memórias não

são dignas de serem avivadas, principalmente enobrecendo-nos tanto quanto faz só o nome do pai da nossa língua.

No mundo das emoções dançam num palco vistoso inúmeras forças que proporcionam ao homem uma ascensão automática, que o catapultam para os céus quando a Terra o tenta eliminar: Umas são inatas, outras interiorizam-se com persistência e engenho, outra sustentam-se na fé... São dezenas, eu diria. Detalhá-las inteiramente é tarefa para outra altura, mas uma característica eu posso adiantar: A pátria é o seu denominador comum, o arquétipo das forças, de onde se extrai a vontade suprema. Quem não se interpõe entre a pátria e o que a corrói não pode estar dotado de qualquer outra das forças. Deixar a pátria descoberta, exposta à erosão, é desastroso na proporção equivalente a cobrir-se todos os furos a bombordo da nau e esquecer as imperfeições a estibordo: É fazê-lo em nome de uma preferência pela pessoa a uma entidade social quando a pátria é efetivamente muito mais e, a par disso, sendo ela a culatra do nosso revólver: Sem ela não queima a pólvora, não se cospe a bala, não se ganham batalhas. Sem rumo um homem é apenas uma carcaça aguardando para que a lei da vida o entregue ao esquecimento: Sem essa força, essa chama infundável, perde-se o horizonte, a visão, o passo e a vida quando não lhe restar nenhum pilar.

No meu Liceu havia o culto dessa força: Numa proporção diminuta face à que eu ambicionava: Não haviam grandes deslocções nem euforias cantadas; mas havia vontade, um desejo que, por mais ínfimo que fosse em tempos de mágoa, não entregava toda a infraestrutura, toda a nossa a nossa vivacidade, a uma cova. As vozes rocas projetadas de gargantas ensanguentadas queriam a perpetuação de Camões! Mas apesar de consistente e persistente nos seus primórdios, o grito da turba adolescente foi-se calando, voando para longe com as economias que foram sem retorno.

Praguejou-se sem efeito. Eu mesmo abandonei o edifício vários pares de vezes e preguei a mensagem: Todos ouviram, alguns escutaram, ninguém assimilou. Contestaram-me desvalorizando a força e elegendo qualquer outra coisa em sua vez (ou muitas vezes não louvando nada. Quantas almas não deambulam nestas terras soltando imprecações e fazendo nada mais?). Nem quando a desgraça se

banqueteava com as suas carnes conseguiram desprender-se daquela postura imaleável.

Havia tanto na alma e tão pouco na mão. O comburento não chegou à fornalha, a locomotiva parou; desertaram a escola e as memórias de uma nação exemplar, todo o seu historial, despedaçadas em cacos e trituradas em cinzas sopradas para um abismo por o mais impetuoso dos agentes: O tempo. Deixaram-me, deixaram a sua casa: Paredes consumidas pela humidade, cadeiras devoradas pela fauna, janelas rachadas e um vazio enorme nos corredores, sem nada, sem ninguém. Todos os passos que dava dentro destas paredes deixavam-me mais próximo da mais profunda das loucuras: O embater das solas no azulejo poeirento ressoava interminavelmente nas pedras e nos cadáveres das árvores, entoando uma cadavérica melodia que me recordava a todo o instante do quão sozinho eu estava... De que o Liceu estava morto. Os meus olhos afogavam-se nas lágrimas saudosas: Era-lhes crucial vislumbrar vida, contemplar a luta mesmo que estivesse condenada ao falhanço. A única coisa sobre a qual podia pousar o olhar eram as ruínas, os destroços, o putrefacto campo de batalha: O meu amor roubado, destruído, abandonado.

A estrutura ruiu e eu pereci com ela. A carne putrefacta deteriorou-se. As ossadas devem jazer aí num desses inúmeros cantos (não tive a preocupação de as procurar, sinceramente). Foi meu castigo por tentar contrariar a vontade mundana ficar aqui sentado para o resto da minha eternidade a vislumbrar o que resta da minha causa: Vazio. Fui eternizado nesta quimera: Dêem-me riquezas e eu Corpos podiam ocupar as cadeiras que não os veria. O fracasso cegou-me e vejo apenas o que me é similar: Nada. Nada deste meu tempo, digo.

Canso os dedos espectrais na esperança de que as palavras voem para trás e tentem de novo. Reinsistam, redigam, reaviseem, recantem, relutem. Repitam o que foi feito. Falhou-se provavelmente por falta intensidade: Uma só luz não afasta toda a escuridão. Que esta mensagem alumie quem ainda se encontra em terrenos habitáveis: Se houver um sopro de pátria no coração, não há batalha que fique por vencer.

Até resgatarem a causa ficarei selado nesta quimera: Chegará o dia em que uma só força unificará todo mundo.

Produção, existência; morte – sob a indiferença dos ciclos: leigos.  
Mudanças constantes na permanência; no inalterável  
paradigma humano – a rodopiar.

(...)

Onomatopeia inquestionável: acorda.

Disforia invariável: os horários, constantes – para as dilemáticas paredes  
delineando o rumo. Hirtas auroras no foro do desespero; ide, por ir.

E vou, talvez; na esperança de uma diferente realidade a nascer com o novo dia.  
Admito-o, desde logo: vivo entediado pelo caos da incerteza, amordaçado pelas  
imposições legais de me deslocar aqui, ali. Porque sim. Desde logo admito,  
também: vivo em claustrofobia; numa pretensão de fuga constante. E constato –  
até disso me esquecer de novo – que não sou senão uma existência humilhante  
de um idílico Ser. Levo-me ao esquecimento, porém, aquando dos chamamentos  
autoritários da cidadania. E as auroras não mais são que uma efémera  
esperança, tão quimérica, tão ardente. Sobrepõe-se-lhe os nacos de pão que me  
sustentam a carcaça. Café quente para fortalecer – para ir enrijecendo  
progressivamente. Uma corridinha: os ponteiros vão, eu que os persiga  
incessantemente. Pernas, pernas. Ai a corridinha da rotina – para o coletivo  
transporte que me encaixota. Alternativas inexistentes, ora.

Desde que a companhia rodoviária prescindiu da carne para os volantes que a  
pontualidade é assegurada: já não há queixas, nem antipatia, nem atrasos, nem  
cortesia. Somente há os ponteiros, sempre conformes e estoicamente móveis;  
pontuais. Há que o Homem adaptar-se a isso. Cá para mim, acho que a questão  
pode ser respondida de duas formas: ou o Homem se automatiza, ou se atrasa.  
Daí provêm dois desfechos díspares: ou a pontualidade conformada, ou a  
corrida. Dá-se-me a segunda hipótese como a escolhida; ainda que a não  
escolha. Sou, pois, apenas umas pernas que correm, sem questão nem

pensamento – dogmáticas e vazias, carne para canhão. E correm, correm. Correm mais um bocadinho. Lá ao longe, alcançável ao esforço, mas para quê. Só mais um bocadinho. Ainda o apanho. Sempre mais um bocadinho.

Eis que entro na máquina, como os outros: feito alcançado. Todos à humilhação da existência, sentados ou de pé: no desejo de mais ou no desespero de tanto – a viagem, tenebrosa; todos a ir ao mesmo abismo. Lá fora ainda o sol, torpe. E nós que o vemos das janelas, a vislumbrar, tão em diante, a utopia da liberdade a elevar-se ante a prisão de nossa ordinária existência. As velhas, alheias, já velhas, pois. Conjuram e divagam sobre o vazio de sua ignobilidade: os outros, claro está.

Mas o barulho é necessário, não fosse o silêncio pôr os oprimidos aos gritos, fazendo-os queimar os números que os calam: um, dois, três. Vai-se indo, por aí. Um, dois, três, sucessivamente. Um, dois, três, até ao cem, até ao infinito. Para as velhas não: a vida nunca nasce e a existência morre algures para os 80. Saber contar é imprescindível para um cidadão exemplar. Conjuram, continuamente; energúmenas: ai, o superficialismo, Dona Maria. O Sr. Geribério é tão bem parecido. E a esposa que tão mal lhe assenta. Ai, Geribério.

Vão continuando as velhas (...)

Isto os jovens de hoje em dia, pretensiosos da liberdade, a divagar no sol e na lua. Ah, e os sonhos e isso tudo. Isto os jovens de hoje em dia, loucos.

E as velhas, contemporâneas, senis: do que as circunda e do que as consiste, por consequência. As velhas, nos bancos, cá, acolá – na espera da morte que lhes chegou com a decência. Um, dois, três; meu cais desta vez. Catapulta-se-me a ira para fora: e as velhas lá vão até ao fim, nos movimentos pendulares. Eis que saio à liberdade do silêncio: em vazios pátios tão preenchidos de alma. Cá de cima, da varanda, eu lá em baixo na desorientação da ignorância. Mais vejo, elevado: e sei que não me sei, nem rebaixado, nem rastejado, nem destruído, nem sentido. Sei que me sei, sendo nada: sei que me sei, tudo, livre; substância – ignorante transeunte destes corredores, por entre as rotinas que incendeio, qual libertário evadido de seu menosprezado corpo. Sempre pulo do colectivo de transporte a tempo de não lá ficar irreversivelmente. E daqui, como a mim, o vejo nos pátios, na avenida já sem tílias. Aqui, da fosforescência do

delírio, me sobreponho ao tempo, ao Homem, à verdade. Aqui, que não sei nada. E eles, lá em baixo, velhos que sabem tudo. Eles, na caixa, de um lado para o outro. Que me ouçam, da varanda:

Lentamente, vão-se dando ao esquecimento. Envelhecendo, dignificando-se no meritório e socialmente aceitável. Comprando hortícolas ao merceeiro mais agradável; sendo um não Ser pré-fabricado. Conjurando, racionais, à mentira da imposição subjugados. Não vos dais, não vos tenhas. Sem delírio não há ser; sem liberdade não há alma. E acordai: não para o pão, não para a certeza, não para a correria. Acordai, para a voluptuosa lua da questão. Acordai para a utopia – acordai para a libertação. Pois a alma é hoje loucura e o Homem cego, surdo, mudo; obediente. Assim como há cem anos o fora. E como daqui a cem anos será – em autocarros, naves ou cinzas. E eu, na varanda, a gritar para os pátios e para as tílias que me não deixam nunca, antagónico à indiferença.

(...)

## Um novo começo

*Inês Brandão 10º J*

Ano de 1910. Todos se prontificavam para ajudar naquilo que fosse necessário. Havia uma grande azáfama por todo o liceu.

Era Outono, as folhas caíam e o chão encontrava-se coberto por uma manta de cor alaranjada. Tudo decorria normalmente e um sentimento de realização e orgulho pairava no ar. A escola abrira há precisamente um ano. O reitor percorria todas as salas várias vezes ao dia, verificando a funcionalidade de cada uma delas, nada podia falhar, era um projeto novo e qualquer falha poderia desencadear uma catástrofe que acabaria no fecho do liceu mais novo de Lisboa.

A principal preocupação era o bom funcionamento do novo liceu, bem como o incentivo de todos à prática de desporto. Como tal foi iniciada a construção de locais onde os alunos poderiam praticar desportos na presença de um professor qualificado. Nunca em Portugal havia sido criado nada assim, o que exigia um rigor superior ao que até ali fora utilizado em qualquer outra obra. O reitor falava com o seu filho, Pedro, no local que viria a ser um pavilhão para a prática de desportos letivos:

- Muito agradecido lhe estou por tudo o que tem trabalhado nesta escola, meu filho. A sua presença e ajuda têm sido gratificantes!
- Agradecido estou eu a si, meu pai. Nada me faz mais feliz do que trabalhar aqui, ao seu lado.
- Feliz me deixas por isso saber. Mas meu filho, prudência em primeiro lugar, Deus nos guarde e livre de que algo de mal por aqui aconteça, mas prudência em primeiro lugar!
- Sim, meu pai- Respondeu enquanto se apressava a ir buscar mais tábuas de madeira.

E assim, Jorge Lopes, mais conhecido como o reitor do Liceu de Camões, retirou-se e dirigiu-se para o seu gabinete com um sorriso de orelha a orelha. Tudo corria bem, sentia-se feliz, empolgado com o futuro. Encaminhou-se para

a sua secretária onde pegou no seu café já resfriado, ao qual deu um gole. Seguidamente, ainda com a chávena na mão dirigiu-se para uma grande janela que se encontrava no lado direito do gabinete e observou. Observou todos os rapazes e raparigas a apreciar do seu intervalo, observou todos os membros da comunidade escolar, cada um fazendo o seu trabalho e observou o edifício, o seu orgulho.

Pedro era um empreiteiro de renome, conhecido por toda a cidade de Lisboa. Requisitado pelas mais variadas pessoas das mais variadas classes sociais. Dos mais ricos aos mais pobres. Era uma pessoa humilde, assim como o seu pai, Jorge. Tudo aquilo que conquistara até ali tinha sido fruto de trabalho árduo e noites em claro. “Suor e lágrimas” assim o dizia.

Enquanto Pedro trabalhava, provavelmente, na obra mais importante da sua vida e que ficaria para a história, o reitor Jorge bebia o seu café enquanto descansava, sentado numa grande poltrona, novinha em folha que ele havia comprado propositadamente para a colocar no seu gabinete. Essa poltrona era como o seu santuário, onde se podia sentar e apenas descansar, abstrair-se de tudo e de todos, onde podia simplesmente viajar no seu próprio mundo. Era um sítio de reflexão e principalmente, era um local de refúgio de tudo o resto.

Subitamente, ouve-se um ruído, um grande ruído em toda a escola. Apressadamente o reitor, ainda desnortado, dirige-se à janela para ver o que se passa. Uma aragem fria passa-lhe pelo rosto. Um arrepio apodera-se da sua espinha e juntamente com a chávena de café, o seu coração cai-lhe aos pés. Os vidros e o restante café espalhados pelo chão são-lhe indiferentes. O edifício que tanto estimava, mesmo antes de estar acabado, o edifício que viria a ser algo que nenhum outro liceu tinha, o edifício onde o seu filho, Pedro, se encontrava havia desabado perante os seus olhos. Era um novo projeto, e como novo, o êxito era algo que não era garantido. Mas Jorge nunca pensara. Mil e uma perguntas voavam pela sua mente. E de repente, o orgulho é substituído pelo medo. Após cair em si, dirige-se, inacreditavelmente, impávido e sereno para o local. Os gritos ao seu redor parecem não o afetar, pois continua a caminhar calmamente. Outro tipo de azáfama domina agora sobre a escola. Receio, agitação, aflição, ansiedade, confusão...

Chega ao local passado o que pareceu uma eternidade, depara-se com os destroços, janelas, madeira, cabos e mais cabos... ajoelha-se e a tristeza sobrepõe-se a qualquer outro sentimento. Deita uma pequena lágrima. Limpa-a imediatamente de maneira a que ninguém veja.

O reitor começa a retirar tudo do caminho na esperança de encontrar o seu filho no meio de toda aquela confusão. Corpos espalhados, choros, gritos, sangue. Todo aquele aparato parece não o incomodar da maneira que deveria. A sua única preocupação é encontrar Pedro. Passa-se 1 hora, 2 horas, 3 horas... e o reitor continua sem sinais do seu filho. A polícia chegara ao local há cerca de 1 hora e ele nem se disponibilizou para falar com eles.

Passaram-se dois dias desde o incidente. Ainda não há sinais de Pedro. No gabinete, sentado, encontra-se o reitor, vestido com provavelmente a primeira roupa que encontrou no seu armário, está de luto. Mesmo não sabendo o que aconteceu realmente a Pedro, pois todas as outras pessoas foram encontradas menos o seu adorado filho. Não fala, não ri, pouco come, sofre. Cada vez que uma sombra passa na porta, o reitor olha na esperança de ver o rosto do seu filho. Mas isso não acontece.

Sucedem-se três meses, Pedro continua desaparecido e as esperanças do reitor começam a diminuir a cada dia que passa.

Todos na escola estão de luto. Realizaram uma festa de despedida às vítimas, Pedro constava na lista, ao que o reitor reagiu bastante mal. Balbuciou umas palavras e saiu disparado da sala e assim acabou a cerimónia. A dor era visível, o trauma sentido por todos.

Mais tarde iniciou-se de novo o projeto do novo ginásio, a dor ficou presente novamente. Quando esse assunto era tocado, todos se lembravam do que acontecera há três meses, a mágoa instaurava-se.

De novo, o reitor ao olhar pela sua janela, via o seu grande projeto a ser desenvolvido. No entanto, o sentimento que sentia era bem diferente do sentido anteriormente. Estava tudo diferente, viver ou morrer era-lhe indiferente, nada fazia mais sentido... Eventualmente a sua dor melhorou, mas nunca passou totalmente. Era o seu filho, o seu amado filho.

O ginásio foi construído e até hoje perdura. Alunos têm um local onde praticar atividade física. Foi uma conquista do grande Liceu, com uma grande ajuda e apoio de todos, principalmente do reitor. Jorge Lopes dedicou uma vida inteira apenas aquela escola, que poderia ser apenas mais uma escola mas graças a ele, não o foi. O reitor nunca desistiu e isso compensou eventualmente. Apesar de todas as vicissitudes da vida, o liceu mais conhecido de Lisboa conseguiu prevalecer até aos nossos dias.

Comparativamente a D. Sebastião, cujo corpo desapareceu misteriosamente na batalha de Alcácer-Quibir, também Pedro nunca foi encontrado. Faleceu fazendo aquilo que mais amava, ajudar os outros, trabalhando lado a lado com o seu pai, o Reitor Jorge. Jorge recorda o seu filho com grande orgulho, como o seu herói. Diz-se que os pais são os heróis dos seus filhos, neste caso era precisamente o contrário. O pai recordou-o sempre com um grande sorriso e grande orgulho, até ao dia em que partiu orgulhoso de tudo o que tinha realizado ao longo da vida.

Reformou-se 9 anos após o incidente, deixou o liceu num dia de inverno desaparecendo no nevoeiro. Foi a última vez que entrou no liceu E todos os dias ansiava por um dia de nevoeiro que lhe trouxesse o seu filho de volta. Algo que infelizmente nunca aconteceu.

O ano era 2114 e Milka dormia. Não passavam de umas meras três horas da manhã. Tudo parecia calmo e silencioso, nada de incomum.

Foi então que um ronco veio do outro lado do dormitório e arrancou Milka do seu sonho. A rapariga sentou-se sobressaltada e olhou à sua volta, atordoada, demorando uns segundos até se aperceber que não passava da sua amiga. Milka reprimiu um rosno e voltou a deitar-se.

Uma hora passou e Milka ainda estava acordada. O dia anterior tinha sido longo e extenuante e o próximo não prometia ser melhor mas Milka sentia um formigueiro no estômago, um mau presságio que não a deixava dormir.

Depois de muito se revirar na cama, Milka finalmente desistiu e levantou-se. Não era permitido estar fora da cama a horas absurdas como aquela mas o que poderia ela fazer? Ficar o resto da noite a olhar para a lua através dos buracos dos estores da janela ao lado da sua cama? Não.

Milka vestiu-se num ápice e, sorrateiramente, saiu do dormitório, respirando profundamente quando se encontrou lá fora. A porta foi fechada com um pequeno *click*. Milka olhou por cima do seu ombro para poder ver o busto de Luiz Vaz de Camões. Constava que antes o busto se encontrava à entrada do edifício da escola mas isso já teria sido há muito tempo, noventa anos, no mínimo. A Escola Secundária de Camões tinha mudado muito durante as últimas décadas. Com as obras tinham sido feitos dormitórios para alguns alunos que viviam longe, Milka apenas sabia que o seu estava situado onde antes estivera instalada a antiga biblioteca.

Calmamente, Milka virou para a sua esquerda para poder aceder às escadas que a levariam às caves da escola. A razão por que estas não tinham sido destruídas com as obras era uma incógnita para a rapariga. Era perigoso estar lá em baixo pelas razões óbvias e por isso as escadas tinham umas quantas tábuas de madeira que barricavam a passagem, Milka já sabia como passar por elas.

Milka sorriu para si própria enquanto descia as escadas. Não que ela conseguisse ver alguma coisa que lhe desse razão para sorrir, as escadas eram interiores, a luz da lua não estava direcionada para as poucas janelas do espaço e a luz trémula que espreitava pela porta não era suficiente, preto era a única coisa que Milka via. A sua sorte era que já conhecia o caminho quase melhor do que conhecia as suas próprias mãos.

Uma vez nas caves, Milka acendeu as luzes para finalmente poder ver alguma coisa. Umas estavam fundidas outras piscavam nervosamente criando um estranho arrepio que percorreu pelas costas da única rapariga que estava nas caves.

Milka não se atreveu a respirar fundo, havia tanto pó e tantas teias de aranha que estava com medo de se engasgar numa ou de ter um ataque de alergia que a iria denunciar.

O caminho para a sala onde estavam os arquivos já era conhecido pelos pés de Milka, era a única divisão nas caves que estava minimamente apresentável e apenas graças a Milka.

Os seus dedos correram as largas e longas lombadas dos livros antigos que ali guardava. Contudo nunca os abriu.

A única coisa que queria dos arquivos era ver os nomes dos antigos alunos. Eram tão... Estranhos. Os nomes que eram dados às crianças no tempo de Milka eram os nomes de coisas importantes na vida dos seus antepassados, Milka sabia disso e, por essa razão, quando os seus olhos percorriam as listas dos nomes dos antigos alunos ficava intrigada.

O que era uma Leonor? Uma Margarida ela sabia o que era, esse nome era extremamente raro mas ainda havia pessoas com tal nome. Todas as Margaridas descendiam de pessoas que eram floristas, o que quer que isso seja... Vendiam flores pelos rumores que ela tinha ouvido, mas quem queria comprar uma flor quando se pode fazer crescer uma em minutos?

João também era um dos nomes que ela tanto se perguntava o que seria. Numa coisa Milka estava certa, o quer que um João fosse deveria ser algo importante, havia bastantes em várias listas.

Uma vez Milka levou um dos ficheiros a uma das suas amigas, Apple, mas a outra rapariga entrou em ansiedade só por saber que Milka tinha andado nas caves e fê-la prometer que lá não voltaria.

Milka ouviu um pequeno estalido por trás de si e os seus músculos ficaram rígidos.

O cálculo das suas opções durou meros momentos.

Milka virou-se para agarrar um dos livros mas o cão selvagem atirou-se à rapariga, os seus lábios estavam arrepanhados mostrando os dentes cor de marfim, eram pontiagudos e estavam cobertos de baba canina e uma espécie de espuma esbranquiçada que caía para o chão pelos cantos da boca. Os seus olhos eram grandes de um tipo de verde que Milka nunca tinha visto antes e neles Milka conseguia ver os traços de loucura. Faltava-lhe uma das orelhas e o seu pelo preto e baço como o carvão, embora comprido, estava num estado miserável.

Milka apenas teve tempo de se agachar. A criatura voou por cima da cabeça de Milka e chocou contra uma das fracas estantes que acabou por lhe cair em cima. O cão ganiu e Milka aproveitou a oportunidade para pegar no livro mais pesado que ali tinha.

O rosno que se seguiu ecoou pelas caves fazendo Milka sentir o segundo arrepio do dia. O cão não tardou a levantar-se rasgando alguns papéis no caminho com as garras que precisavam de um bom corte.

Milka recusou mostrar o medo que sentia, não ajudaria nada se o fizesse.

O cão atacou outra vez mas desta vez Milka deu balanço ao livro e bateu na cabeça do cão.

O cão ganiu e caiu ao chão, com o seu corpo monstruoso retorcendo-se em convulsões enquanto sangue vermelho vivo jorrava pela sua boca misturando-se com a espuma branca.

Milka manteve o livro em cima, pronta a atacar de novo se tal fosse necessário.

O coração batia-lhe forte e quase dolorosamente no peito que se movia rapidamente enquanto Milka fazia um esforço para recuperar a respiração.

O cão parecia estar a debater-se por oxigénio mas era inútil. Os olhos da besta reviraram e finalmente os seus músculos relaxaram quando o cão expirou pela última vez.

Milka baixou o livro, respirando profundamente apenas tentado acalmar o coração. Foi então que sentiu algo a cair-lhe pela bochecha e quando levou os dedos ao rosto teve a desagradável surpresa de sentir algo viscoso a escorrer-lhe pela pele. Milka afastou a mão da cara e rapidamente limpou o sangue nas calças antes de limpar a bochecha com a manga da camisola, sentindo-se enojada.

O cão estremeceu e no mesmo segundo Milka estava a correr para longe da sala de arquivo.

Milka barricou bem a passagem antes de continuar a subir, ignorando o andar do seu dormitório continuando a saltar as escadas duas a duas até chegar ao sótão da escola. Através da janela trepou para o telhado.

O céu já estava a clarear mas o sol ainda não tinha aparecido. Milka abraçou o seu próprio corpo com os seus braços para se abrigar do frio matinal.

Ali a rapariga conseguiu acalmar-se finalmente, aproveitando a vista.

Quando o sol finalmente apareceu, Milka sorriu.

O céu estava salpicado de pequenas nuvens que se assemelhavam às plantas de algodão, fofas e pouco densas. A luz vermelha-alaranjada do sol pintava as nuvens mas de uma tonalidade ligeiramente mais clara, o céu estava laranja junto ao sol e daí partia um *degradé* que acabava num azul claro e limpo.

Os prédios velhos e decadentes até ficavam bonitos durante aquele fenómeno diário.

Uma coisa Milka não podia negar, o que ela mais gostava era dos reflexos que as águas à volta das paredes exteriores tinham durante esta hora. As águas estavam calmas naquele dia mas Milka também gostaria de poder ouvir o som da água a rebentar suavemente contra as paredes que eram a

única coisa que faziam com que o edifício do liceu permaneça-se seco, ou por outras palavras, as paredes que transformavam o edifício do liceu numa ilha.

O ano é 2114 e a raça humana destruiu o planeta Terra. O antigo edifício da Escola Secundária de Camões é agora o maior centro de sobreviventes da antiga Lisboa e quem sabe de Portugal.

A Guerra começou. A minha mãe morreu. O meu pai, não sei dizer. O meu irmão, lá anda; com os amigos nas ruelas e cafés, grita as palavras que o levaram para a guerra. Para a morte. E eu...eu estou na escola. A grandiosa ferramenta que me proporcionará tudo aquilo que é necessário para o a grandiosa carreira política, que alguém, antes e mim, escolheu.

Está a chover a potes e estou gelado até aos ossos. Estava vinte e três minutos atrasado para a primeira aula do dia, quando me arrastei pelas escadas da fachada branca e recta. A estátua do senhor Luís de Camões, lá se fixava; o olhar (pelo menos aquele que a pala não cobre) sereno e altivo, como se nada o derrubasse. Sempre me dá vontade de ver o nobre símbolo do nosso país representado de tal forma, considerando que fomos nós que o desgraçámos. Assim como desgraçamos tudo aquilo em que nos tentamos tornar. Para mim, um bom touro serviria.

No vestíbulo estava a sempre caricata autoridade do Lyceu: o senhor Manuel. Tal como no primeiro dia em que atravessei a entrada, e todos os dias que se seguiram, comentou com altivez o desalinho do meu cabelo ou a descompostura da gravata e bradou ainda algo sobre o meu atraso, que a memória já não me permite contar.

Subi as escadas feridas pelos garotos que todos os dias as pisavam, a custo. Não que sofresse de alguma patologia que me provocasse dor, como a mãe sofreu; porém, agoniava-me a perspectiva daquilo que se aproximava: entrar na sala de aula. Por detrás das grandes portas verdes, típicas das modernices, encontravam-se os meus fiéis companheiros de outrora, impecavelmente sentados e cujo cansaço provocado pelo som da melancólica voz do professor de História, já me pesava, antes mesmo da minha entrada. Tal como havia previsto, houve apenas silêncio. Nem o excelentíssimo senhor professor, que já devia uns bom anos à cova, se dignou a abrir os trombudos lábios para o costume raspanete que começava em “não espere que a sua insolência saia impune” e acabava em “tome o seu lugar, criatura”. Acredito

verdadeiramente que o homem, antes de, sabe-se lá porquê, ter decidido enveredar por esta carreira, decorou a sua habitual repreensão, que repete incessantemente, todos os dias. Os meus colegas; esses nem se atreveram a olha-me, à excepção do João, o único arrogante o suficiente para se achar acima de qualquer outra coisa. O pai dele foi ministro da educação, claro está.

Todavia, o grande acontecimento de hoje foi a revelação mais extraordinária com que me deparei, nesta minha curta vida: está tudo igual. O dia foi igual; as conversas foram as mesmas de sempre; o trabalho não divergiu e a Mariana, quando eu cheguei a casa, lá estava, à janela, corada e transparecia todo o seu receio de que eu talvez tivesse enlouquecido. Mas até eu estou na mesma.

A Guerra começou. A minha mãe morreu. O meu pai, não sei dizer. O meu irmão, lá anda; com os amigos nas ruelas e cafés, grita as palavras que o levaram para a guerra. Para a morte. E eu...estou na mesma. A morte rouba tudo a quem se lhe entrega ou a quem se apresenta disponível, constantemente e sem fim. Mas continua tudo igual. Apenas mudou o silêncio, com que fazem questão de me presenciar sempre que entro numa sala.

## A Palestra

Lyceu Camões, 2114.

*João Gonçalves Oliveira 10º C*

Mandaram-nos entrar na escola e assim o fizemos.

Caminhei entre o mar de gente sobre a madeira dos antigos corredores que estalava à medida que a massa de alunos que se dirigia às salas avançava, anunciando a sua passagem com uma alta onda sonora originada pelas conversas ocas que eram trocadas.

À medida que a distância ao destino encurtava também o barulho cessava. No momento em que era já possível avistar os Encarregados de Controlo, nos seus uniformes cor de cinza que aguardavam pacientes cada um à porta de sua sala, já o silêncio lutava apenas contra os estalitos da madeira pela predominância.

Silêncio era a ordem, ordem era a regra. Os alunos iam abandonando os seus iguais à medida que passavam pela porta das respetivas salas; assim também eu e os restantes da minha turma fizemos. Fomos recebidos pelo habitual silêncio apático do nosso Encarregado.

Entrámos na sala e sentamo-nos nos lugares marcados pelos números que substituíam os nossos nomes e nos identificavam. O silêncio foi por fim quebrado com o anúncio de que após a lição haveria uma palestra; o que, por nós alunos, foi recebido com um contentamento mudo: as lições eram exaustivas mas as palestras raramente se assemelhavam a qualquer forma de aprendizagem. Era ouvir frases e com sorte lembrar palavras. O meu consciente navegava por estes pensamentos quando foi interrompido pelo Encarregado entregando-me o cabo que me ligaria ao EM. Peguei-o e liguei-o a mim.

Lembro-me de uma vez, há algum tempo, ler um artigo, quando passava férias em casa dos meus avós. Era do tempo em que o primeiro destes EMs foi criado, na escola não aprendia-mos este tipo de coisas, o que despertou em mim alguma curiosidade. Os EMs, ou Estruturadores Mentais, foram uma invenção dos anos 70 que rapidamente gerou uma grande polémica, despertando a atenção das escolas e centros de correção, que aderiram freneticamente à moda, sustentados pelas entidades governamentais. Os dispositivos consistiam em uma só peça eletrónica armazenadora de informações, a partir desta ramificam-se cabos os quais são ligados aos utilizadores, através de uma entrada metálica, a qual era primeiramente incorporada numa operação cirúrgica. Todo o processo é automático e iniciado assim que se liga o recetor à máquina; a informação viaja no circuito fechado sem o utilizador se aperceber da ocorrência do mesmo; estas informações são colocadas no subconsciente do seu utilizador que doravante as manterá sempre memorizadas.

Os EMs podem correr sobre programas distintos: Académicos, neste programa as informações fornecidas contêm ensinamentos sobre as diversas disciplinas; ou Controlo, destinado àqueles que resistiam à disciplina imposta pelos Encarregados de Controlo ou outra figura de autoridade. Foi regulado que aqueles que perturbassem a sociedade ou a sanidade do processo, cujos intervenientes precisavam de estar em total repouso, deveriam ser devidamente sedados e atribuída uma hora no final do dia, na qual seriam programados em Controlo. Após a introdução deste método de correção a taxa de criminalidade foi reduzida a um valor simbólico, redução a qual foi entendida como o resultado de um elevado nível de educação.

Haviam-se passado duas horas quando retomei consciência de mim mesmo. Retirei o cabo com esforço, doía-me pensar nas ações que eu mesmo exercia. Atordoados saímos da sala moribundos e em passos suaves como os de fantasmas descemos escadarias e caminhamos corredores até ao pátio.

Deu o toque, uma mancha de alunos voltou a formar-se e cresceu silenciosamente à medida que a fila para entrar no auditório aumentava. Por fim entrámos e iniciou-se a espera.

Permanecemos mudos e quietos até que entrou de rompante um velho. Exibia alguns sobreviventes, da guerra contra o tempo, cabelos brancos sobre a sua careca, devia ter à volta de 70 anos, erguia-se torto, desequilibrado pelo peso de uma maleta que transportava na sua mão direita, vestia roupas de cores fortes, já gastas pelo tempo, que contrastavam com os uniformes de cores neutras sempre bem arranjados dos restantes. Carregou-se até ao palco, onde recuperou o folgo e após um longo suspiro iniciou o seu discurso.

Apresentou-se à plateia, contou como chegara onde chegara, como fizera o que fez. Proclamou-se poeta e explicou como cada vez mais o número dos seus semelhantes diminuía, tal como os seus leitores, de modo que agora a sua vida se resumia a contar os seus poemas para ouvintes como os que estavam perante ele. Então, da sua maleta, retirou um livro, que anunciou como da sua autoria, bastante bem conservado, abriu na página marcada e iniciou a sua leitura. Lia de um modo estranho e engraçado, curioso, cativante até; e enquanto fazia passeava-se pelo palco de ponta a ponta. Não havia olhar que não o seguisse como cão a seu dono. Era um poema quase tão estranho como seu autor, parecia retirado do mais surreal dos sonhos: falava de peixes que caminhavam sobre a terra, juntos em cardumes. Todo o poema era contado por um desses peixes, um dos mais antigos, dos que abandonara o oceano, mas agora, vendo-se perdido do resto do seu cardume, voltara ao litoral e contava as histórias do seu povo ao mar, que o ouvia, sem nunca responder.

Então sem eu dar por isso terminou o poema, num final inconclusivo e mal explicado. E o poeta pediu por uma interpretação.

Silêncio. O auditório inundou-se num silêncio sereno, só quebrado pelo som da respiração dos indivíduos que nele apenas estavam.

Uma interpretação? Fiquei confuso: podia enumerar todas as figuras de estilo usadas, podia dizer o estilo poético usado, podia encher a boca de toda a gramática adquirida e forçar-me a vomita-la de uma só vez, mas não era isso que me pedia.

## Crença e Premonições

*Leonor Andrade 12º A*

Reza a lenda que este maravilhoso liceu, que nasceu há mais de dois séculos, foi, desde 1972, mantido por uma curiosa personagem que vivia mesmo na sua entrada e que fazia pequenos trabalhos de bricolagem aqui e ali, enquanto ninguém via...

Passaram-se décadas e décadas com duros Invernos, em que tanto alunos como professores e funcionários pareciam quase mendigar por ajudas para manter aquele precioso lugar de pé, já que não sabiam do grande segredo.

De outro ponto de vista, o edifício olhava em redor e via uma praça a ser reconstruída vezes e vezes sem conta, muitos dos seus prédios vizinhos a receber, constantemente, melhoramentos tornando-se autênticas vítimas dos avanços da tecnologia, outros mesmo a nascer de raiz, como que a brotar do solo a uma rapidez impressionante, retirando-lhe os simpáticos banhos de sol da manhã e a vista para os já escassos espaços verdes... e sabendo que era ainda o mais belo da zona, não compreendia. Apesar de começar, a certo ponto, a sentir-se ligeiramente excluído, ia continuar a viver o quotidiano confiando na força física e de vontade do seu ajudante, o busto de Camões.

Hoje mesmo, dia 24 de outubro de 2113, o Liceu tomou conhecimento de que este busto iria ser dispensado da sua aparente função de porteiro, para o Grande Congresso Internacional de Poesia, que ocorrerá entre 6 e 12 de fevereiro, na cidade 604, antiga Istambul, para os mais antiquados. Ninguém sabia do interesse daquela estátua a não ser o edifício em causa, e este último não encontrava forma alguma de avisar o diretor de que a sua ausência poderia ter feias consequências. Por outro lado, era de extrema importância a presença de Luís de Camões no Congresso, em representação dos grandes poetas portugueses. Assim, preferiu acreditar que conseguiria reunir forças até à temida data, que lhe dessem a autonomia necessária para sobreviver. Felicitou também o facto de saber que teria ainda ajuda para enfrentar o Inverno que se aproximava rapidamente.

Nesses meses que se seguiram, as já habituais quedas de tinta mais que centenárias foram constantes, a cortina de água sob as galerias aumentava de

dia para dia, os ventos encontravam cada brecha, cada pequena entrada. E o busto dava o seu melhor.

Chegado o dia da partida, a escola encontrava-se só no seu sentimento de receio. Observava tristemente as ações tão semelhantes aos outros dias, tanto por parte dos alunos como por parte dos docentes. Apenas uma pequena fração cedeu de seus minutos para observar o transporte do patrono, não tanto pela importância que lhe davam mas pela curiosidade física do processo. No primeiro dia sem manutenção, a estrutura não apresentou mais danos do que o normal. No entanto os rudes e hostis arredores não amparavam: apresentavam-se quase como uma provocação devido à sua sólida aparência que lhes permitia ausentarem-se de preocupações relacionadas com condições atmosféricas. Assim, quando as forças próprias do velho Liceu escassearam, a falta de conforto e, sobretudo, de segurança ficou à vista de todos e a escola encerrou.

Nos entretantos, o busto do Camões estava em pleno Congresso, a ouvir grandes oradores, a obter grandes ideias, a fazer grandes planos! Sentia-se a rejuvenescer. Compreendia agora o essencial que é viajar ou sair da rotina.

Como era esperado, a relação entre a presença do busto e a preservação do edifício continuou incógnita. Os professores não se deixariam encantar com histórias deste cariz, e os alunos teriam outros assuntos em que pensar. A maior parte estava principalmente entusiasmado com a possibilidade de não ter aulas durante uns tempos.

Depois do regresso da sentinela, agora cheia de vitalidade, pouco tardou a reabertura do Liceu. Isto porque, dia após dia, viam-se diferenças notáveis no edifício em geral, mantendo a sua forma inicial, com os dois pátios cheios de bonitos plátanos, e o edifício em E. A solidez de todas as galerias foi verificada, as janelas foram-se tornando mais firmes, os azulejos em falta foram repostos nos devidos lugares, o soalho do grande ginásio deixou de ameaçar quedas para as catacumbas... Agora, para além de mais bela, esta era também a estrutura mais resistente dos quarteirões em redor. Certo dia, veio mesmo a reaver os raios de sol que a aqueceram carinhosamente durante o seu primeiro século de vida.

O habitual: o despertador universal acorda as mentes que sonham; demasiado cedo. Estou entre quatro paredes brancas que me prendem a uma vida. Uma cama cinzenta. Um armário cinzento. Roupa branca e preta. Nada de novo. Sinto o mundo a começar, a suposta vontade a acordar, a hipocrisia pronta para matar, almas arrefecidas pelo egoísmo dos querereres de alguém. Mais uma manhã a sentir-me ninguém. Tenho os olhos pesados do cansaço da rotina que, como sempre, existe. Sei que tenho de me levantar para preparar a minha falsa existência. Deambulando pelos sonhos mal acabados de uma longa noite, vou até à casa de banho tratar da máscara que uso todos os dias. Olhos vazios, meio fechados. Sorriso perdido no que é meu. Cabelo despenteado pela complacência da minha rebeldia. Mãos pequenas, sem força nenhuma. A vida andava perdida em mim numa manhã longínqua daquela, e eu sem querer saber. Numa velocidade lenta, sou mais veloz que a falta do meu querer e está na hora de sair da casa que me faz não sonhar passeando até um longe destino. A rua onde eu moro, sem saída. Cinzenta. Branca. Preta. Que triste ver o resto sem cor. Só me lembro das cores quando durmo, e vou para o passado ou para o futuro. Assim, viver sem cor, tendo como utopia a cor transparente do preto. Falho sempre no existir. Falho sempre num viver falhado. Sem refúgio nenhum. Só o abismo do nada. A dor que é não ter nada para sofrer. E olho agora, para os primeiros olhos que vejo este dia. O espanto que não é, são iguais a todos os outros. Aqueles olhos, naquele homem, caminhavam abertos na cegueira de não ver. Ponho-me então eu a caminhar até um suposto, bem definido fim. Passeio pela falta de encanto dos sonhos da sonolência constante. Ninguém nos controlava. Não era preciso. Não sabíamos sonhar. Não conseguíamos sonhar. Não queríamos querer ser felizes. Nada. A escuridão do vazio não nos deixava morrer sós. O mundo destruído por nada termos que construir. Um mundo imaginado, cansado, que está acabado. Foi por aqui que a má condução humana nos levou. À perfeição. Humanos que agem por causa de um porque sim. Sem ninguém procurar mais. Eu, nunca procurei nada. Mas o meu tempo explodiu. E nada consigo imaginar. Quero, preciso, mas não consigo. Não consigo poder ter

de perder. Peco no mundo por pensar. Mas penso e só ... Só, não sei. Esta falta de problemas não me deixa sonhar com resoluções maiores que a destruição da ausência do diferente. Imagens mal conseguidas. Palavras nunca acabadas. Objectivos perdidos. Tenho nada por ter tudo. Eu só pedia destruição. Destruição. Caos. Confusão. Sentia o coração a correr mais rápido que os segundos. Preciso também de me lembrar das cores. Preciso de sentir que sonhar é sonhar. Sonhar que estou a sonhar. A minha cabeça corre, exausta. Fecho os olhos para tentar perceber onde estou ... Mas um cheiro traz-me uma inconsciente surpresa. Um cheiro diferente do cheiro normal do igual. O mundo assim, perdido, na minha cabeça. Louco. Irreal. Na loucura do meu ser existe um desejo de dor. De abrir os olhos e ver a melhor arma da verdade: a realidade. Mas este cheiro... Curioso. Guloso. Com a ideia que me vai dar algo, que me vai virar a alma do avesso, que vai dizer ao tempo para se perder. O cheiro do passado, pensei. Então abri os olhos e vi tudo aquilo. Era o cheiro da destruição. Olhei e vi o pó do passado. O cheiro da inacção contraposta no passado, agindo. Vejo árvores velhas, também sem cor. Cadeiras, mesas, portas e janelas. Destruídas, partidas, mortas e insignificantes. Pedras chateadas com o chão espalhadas por todo lado. A força da água que advinha o caminho por onde quer ir. Escadas gastas de cansaço humano. O espaço inteiramente destruído pelo tempo. Procurei um lugar que me pudesse indicar toda a clareza existente em toda a destruição. A minha cabeça dividida. Quero continuar a achar a destruição. Mas preciso de um sonhar. O sonho tenta destruir a caixa que prende a minha alma que tem como lucro a dor de existir. A falsa montagem de humanos sem quererem estava miudamente acabando. A essência da ciência de viver parecia existir no meio de toda aquela destruição. Mas sozinha, num chão triste, como que abandonada, uma grande pedra que tem umas quantas letras gastas pelo uso da visão, enuncia: Escola Secundária de Camões. Não sabia onde estava. E ainda bem. O mundo estava no meu bolso a olhar para a janela do poder. À espera que nada acontecesse. Eu continuava a andar, a olhar para transformação do útil, um caminho diferente... A minha mente, parece gostar, da atenção que a dor lhe dá. Mas, todas as incertezas criavam a certeza de que precisava de fugir a tudo aquilo. Aquele todo que era o mundo deixava-se morrer enquanto a minha alma mais existia. Oíço barulhos que incomodam a realidade da paranóia. Fortes, poderosos. Desejam o silêncio. E comem-no como feras.

Feras que querem e me fazem querer. Este sítio, destruído, precisa de ressuscitar. E para isso, não sei. Acho que não sei estar aqui. Preciso só de fugir. Talvez voar. Olho para o céu, cinzento. Vejo um pássaro, a voar, a ser. Nunca tinha visto nada igual, nada tão grande, nada tão tudo. Nada que não se possa não desejar. Quero ir para o mundo que o pássaro me pode levar. O pássaro voa até mim, e com umas garras decididas de poder, agarra-me. Eu estou a voar, a olhar para um cinzento mundo. Sendo eu a verdade da falta de cor, pois cansei-me do horizonte incolor. Olho para o topo de tudo e sinto o sol. Vejo o brilho. O ar sufoca-me por ser tão sagaz. Estremeço com o calor certo do sol. A certeza queima-me os olhos. A verdade e a felicidade. Ali do meu lado. Só não sei para onde me leva o pássaro, mas espero que me leve para o passado. Um passado mais real que eu.

## A Missão

*Maria Leonor Alves 10º A*

Estamos parados na entrada da escola, ninguém é capaz de entrar. O comandante, agora já farto de esperar, deita a porta abaixo. Ninguém se move.

Lembro-me do momento em que decidi juntar-me a esta missão e arrependo-me. Saí desta escola em 2017 e tirei um curso de Biologia. Trabalhava para o governo português quando começou a guerra biológica entre os Estado Unidos e a China em 2050. Todo o mundo foi afetado e zonas de quarentena, livres de elementos patogénicos, criadas. Quando a guerra terminou em 2055 o mundo foi dividido em dois e Portugal pertence agora aos Estados Unidos.

Continuei a trabalhar para o governo, agora americano. O meu posto era indispensável na procura de um antídoto para inverter a destruição causada pela guerra.

Certo dia ouvi dois comandantes comentar uma missão que estava a ser preparada para ir ao Lyceu Camões. Era normal em casos de Guerra as escolas serem usadas como refúgio, no entanto esta encontrava-se fora da zona de quarentena. A minha mente iluminou-se e decidi fazer tudo ao meu alcance para me juntar à missão. Durante 3 meses treinei e procurei uma forma de trazer espécimes contaminados para pesquisa.

Devem estar a perguntar-se como ainda estou viva. Na verdade tenho agora 116 anos mas os humanos deixaram de envelhecer. Foi descoberta uma fórmula, ainda em 2040, que impede as células de envelhecer. Todos tiveram acesso a este novo processo tornando-se, em teoria, imortais.

Agora, três meses depois, aqui estou eu em frente à porta por onde passei quase todos os dias durante 3 anos e só penso em fugir. Não estou preparada para atravessar aquela porta e ser invadida pelas memórias de momentos vividos e de amigos, alguns que não gozaram da imortalidade em parte devido àquela estúpida guerra entre dois países que ao quererem dominar o mundo quase o destruíram.

O comandante faz sinal para entrarmos, não posso desobedecer pois já quebrara demasiadas regras para poder estar ali. Entro e imediatamente sinto-me invadida pelas memórias, os meus joelhos cedem e fico ali, parada na entrada relembro momentos do passado. Quem me dera voltar atrás mas não é possível. Oíço passos atrás de mim e alguém me toca no ombro, recebo sinal para avançar.

Saímos para o pátio e tudo se encontra em ruínas, algumas das salas encontram-se trancadas, espreito pela janela de uma e tenho uma visão perturbadora, cadáveres espalhados pela sala. Estas salas foram utilizadas como quarentena ou pior, vala comum, afasto os olhos e continuo a andar.

O comandante faz sinal para nos juntarmos e encontramos-nos no centro do pátio norte. Usamos fatos protetores e máscaras por isso a comunicação torna-se difícil. O comandante apenas diz numa voz abafada pelos filtros de ar:

- Sabem o que têm a fazer.

Na verdade sabíamos perfeitamente, esta missão foi estudada ao detalhe: eu estava encarregada de recolher amostras de seres vivos para estudar o efeito dos agentes patogénicos, outros estavam encarregados de selar as portas que víamos anteriormente e outros da nossa proteção, não só de rebeldes que sobreviveram aos ataques devido à utilização de fatos protetores como de animais mutantes. Acenámos e cada um se afastou para cumprir a sua parte da missão.

Caminho lentamente com a minha mochila militar às costas cheia de pequenas jaulas de vidro com respiradores. Todos trazemos connosco foguetes de sinalização e intercomunicadores para se algo correr mal.

Lembro-me do gato preto que se passeava pelo campo de futebol. Dirigo-me para lá e encontro não o gato mas uma pequena ninhada muito deformada. Pego numa das crias e coloco-a numa jaula. Continuo a andar e encontro uma árvore da qual não me recordo. Lembro-me depois que no final do nosso 10º ano tínhamos plantado as sementes de uma maçã com esperança que florescesse, mas nada acontecera. Agora era uma enorme macieira mas as maçãs eram azuis, peguei numa e guardei-a na mochila.

Dei uma volta à escola e não encontrei mais nenhum sinal de vida sem ser o meu pelotão, nem os grandes plátanos sobreviveram. É assustador como uma guerra destinada a matar humanos possa ter tido um efeito tão devastador nos outros seres vivos.

Volto para junto do comandante e aguardo que os outros cheguem. Estamos todos reunidos novamente e começamos a deslocar-nos para a saída. Dou uma última olhada por cima do ombro como que uma despedida. Sei que não vou voltar.

Saímos pela porta principal e selamos as mesmas, ninguém voltará a entrar naquela escola. Quando nos voltamos para o portão, estamos cercados por rebeldes.

Oiço um estalo, os intercomunicadores foram ligados. Alguém pergunta aterrorizado:

- E agora?

- Agora rendemo-nos – responde o comandante.

Por muito que custe todos concordamos que é o melhor a fazer. Somos apenas cinco munidos com uma espingarda, eles são mais de 30 armados até aos dentes.

O nosso comandante avança alguns passos e levanta os braços a cima da cabeça, em sinal de derrota, fazemos o mesmo. Os rebeldes algemam-nos e colocam sacos de sarapilheira nas nossas máscaras. Somos colocados numa carrinha que se afasta a grande velocidade.

A carrinha pára e somos arrastados para fora. Andamos um pouco até chegarmos a umas escadas que parecem ser intermináveis. Estamos a descer para um bunker. Uma porta de metal bate atrás de nós e retiram os sacos das nossas cabeças.

Estamos numa câmara muito iluminada e 5 guardas retiram as nossas algemas e escoltam-nos até uma área de descontaminação. Era um processo ao qual já estávamos habituados e sabíamos que teríamos de deixar tudo o que trazíamos para trás...

Ao sair da descontaminação fui agarrada por dois guardas e colocada numa cela.

Durante dias ou mesmo semanas fui mantida na minha cela com direito a apenas uma refeição por dia. Não havia cama e por isso dormia no chão, na verdade havia apenas uma latrina na cela e a grande porta blindada com uma minúscula janela por onde passavam as minhas refeições.

Depois decidiram pôr-nos a bom uso e começaram a torturar-nos para obter informações.

Para quem trabalham? Qual a vossa missão? Quem são? As perguntas pareciam não acabar...

Escrevo agora esta carta com um pequeno lápis que encontrei na cela e o papel higiênico que é fornecido pois fui obrigada a deixar tudo para trás. Escrevo este testemunho com a esperança de que alguém o encontre, penso que já não tenho muito mais tempo de vida, a cada dia que passa sinto a vida a desaparecer do meu corpo.

Não voltei a ver o resto do pelotão, não sei se estão vivos ou mortos, mas espero que alguém consiga escapar. No entanto já é tarde para mim, não irei voltar a ver a luz do dia, por um lado talvez seja melhor, o mundo já não é o mesmo.

## Sonho de Papel

*Marta Sofia Batista Bastos 12º F*

Avizinhava-se uma manhã fria tanto quanto minh'alma. Olhei pela janela, era mais um dia de inverno em 1914, tinha acabado de acordar e tinha de me apressar para a escola.

Na cidade árvores despidas, Lisboa ia acordando, gritos surdos de automóveis e há muito já corria num rodopio de desencontros de chuvas e pressas de ventos para a escola ou para os empregos e sem se dar conta chegou a hora de entrada nas aulas e o meu velho liceu ficou inundado. O tempo foi acalmando.

Chegava cedo eu, entrava, virava á esquerda e pouco depois ali estava de novo, o meu banco azul...o meu banco azul. Sentava-me aqui todas as manhãs. Lembro-me de várias vezes estar tão quieto que um pequeno pardalinho acabava por se ir aproximando e cantava como se falasse comigo para reconfortar Lisboa daquela manhã gélida.

Os que me acompanhavam sempre eram a mochila azul, o caderno das riscas e o lápis vermelho. Refugiava-me na biblioteca, hoje em dia a biblioteca velha. Um refúgio de palavras, de mundos, mares doutros, talvez marés de dores minhas que ficavam pequenas no meio dos oceanos de fantasias daquelas palavras. Palavras. Voltarei a dizer uma um dia? Gostava delas e nem sabia.

Escrevia, escrevia muito, freneticamente, passava horas a escrevinhar os pedaços perdidos do meu eu, com o sonho de além um dia os proclamar. Além no meu refúgio. Aqui no meu refúgio. Perdia-me em casa, em mim, sozinho e encontrei-me aqui, perdido nos pedaços das páginas de cada livro que li. E aqui estou eu, velho mas nunca cansado de ler, foram eles que me encontraram e me trouxeram até mim. Eu queria conhecer-me até ao meu mais íntimo recanto, portanto li, reli e ambicionei tanto ler mais aqueles pedaços de papel que aconteceu o que hoje talvez não quisesse mais e por isso escrevo.

Outono, fim de tarde, estava eu no banco azul, onde ficava imóvel. Olhava e olho as folhas a cair, o pátio é agora a piscina do meu jardim onde a água é as folhas e recordo a minha velha infância e as mesmas folhas perdidas naquele pátio e uma folha especial. Uma folha de papel com um título.

Fui até á biblioteca procurar-me e encontrei um livro especial, um que nunca tinha lido. Não estava lá antes. E não o cheguei a ler depois. O título era o que estava escrito na folha de papel que rodopiou entre gentes e ventos e folhas no pátio até mim, perdida como eu e deixou-me assim. Abri o livro e estavam páginas, todas as páginas em branco, só branco, só páginas, só papel, só um mar de leite. Fechei os olhos e fechei o livro. Abri os olhos e nada senti. Abri o livro e ali estava eu, parte de mim, a minha alma, as minhas palavras. O livro roubou as palavras e parou o tempo em mim.

Estamos em 2114 há 200 anos que as palavras foram roubadas de mim pela ambição que senti em querer-me só para mim. A sofreguidão com que li e reli e voltei a ler-me e todas as palavras do meu refúgio, me roubaram depois a mim.

É ao ler o que me foi tirado que percebo o que senti e vivi e fui feliz. Eu senti. E agora o que me resta é ler sobre mim.

Já não há mares de palavras perdidas em papéis soltos ou livros secretos, há marés de gentes computadorizadas, gerações demasiado evoluídas. E eu, o professor louco, perdido nas recordações do novo liceu Camões, loucos também porque ainda ensinam literatura. Comprei, em 2014 uma catrefada de cadernos às riscas e lápis vermelhos com medo que eles acabassem, pois bem, acabaram. O liceu sou eu, esta alma louca e solitária sem razão de existir, perdida num mundo de tecnologias e de loucos que não sentem, não pensam, são corpos programados. Dou por mim a escrever, não há papel às riscas nem lápis vermelho. Terei alma ainda?

Liceu Camões

# A Infeção

*Miguel Furtado dos Santos 11º F*

“Após os acontecimentos catastróficos que assolaram o planeta Terra em 2050, podemos dizer que a civilização nunca mais foi a mesma.

A poluição, a subsequente diminuição acelerada de recursos, o excesso de população que conduziu a um processo de urbanização rápido mas desordenado, gerando problemas sociais e desequilíbrios ambientais, a organização económico-social que alterou a maneira das pessoas se relacionarem com o trabalho e a forma de viver foram o principal combustível no detonar da 3ª Guerra Mundial que se deu no ano de 2030 (2030-?) e que ainda decorria na data do acontecimento...

O abandono do planeta por parte de toda a população humana, ou por parte daquela que conseguiu ter lugar nas “cidades” espaciais ocorreu devido a um eclipse Solar que se perpetuou. Estas cidades, foram quase que como arrancadas do chão e transformadas em grandes naves que se espalharam pelo Universo.

Apesar da evolução científica e tecnológica da sociedade, dos progressos e avanços que surgiram em sequência da Guerra foi a rápida capacidade de adaptação, característica inerente ao ser humano que permitiu a sobrevivência da raça. Nem todos os países conseguiram desenvolver City-Starships (como ficaram a ser conhecidas pelos humanos), ou porque não conseguiram levantar voo, ou apenas porque foram destruídas pelo caminho.

Portugal lançou duas City-Starships: Lisboa e Porto. A iniciativa Portuguesa tinha como objetivo lançar três naves, mas problemas técnicos assolaram a construção da City-Starship Faro desde o início e esta não chegou a abandonar o planeta.

A partir daqui navegámos pelo Universo, sendo desconhecido o destino da população que não conseguiu deixar o planeta...”

- Excerto do Livro “A História do Nosso Planeta ”

---

Entrada de Diário 1:

Localização: Lisboa City-Starship, Bloco E (Centro de Estudo e Desenvolvimento de Capacidades Camões- CEDCC), Quarto 43

Data: 17 de Setembro de 2113 Hora: 22:30

O meu nome é Edgar, os meus amigos chamam-me Ed e tenho 17 anos, este é o meu segundo dia no CEDCC, um nome chique e fino para a escola que agora frequento (pequena curiosidade situa-se no local onde o primeiro Liceu Camões foi construído, e tem uma aparência muito similar à versão original, a fachada ainda cá está).

Os meus pais mandaram-me para aqui por duas razões: a primeira é por ser considerada a melhor escola (ou centro como quiserem) de Lisboa e a segunda, razão, que eu supostamente devia desconhecer, é que desde há uns tempos (basicamente desde que Lisboa entrou num sistema solar desconhecido) que a nave tem sido lentamente invadida por uma doença que controla a mente do hospedeiro e o torna numa máquina com dois objetivos, automatizar o elemento numa “sobrevivência” cuja função é a de infetar outros seres, custe o que custar. Neste momento o Bloco A está de quarentena, se tiver mais notícias sobre este assunto aviso.

Não pude fazer nenhuma entrada ontem devido a este ser o meu primeiro dia, ter de arrumar todas as minhas coisas e a viagem desde o Bloco B não ter sido tão rápida como estava a espera, cheguei depois da meia-noite, a linha estava com complicações. Acho que esta entrada chega por hoje. A desligar...

--98 Dias depois--

Entrada de Diário 70:

Localização: Lisboa City-Starship, Bloco E (Centro de Estudo e Desenvolvimento de Capacidades Camões- CEDCC), Quarto 43

Data: 26 de Dezembro de 2113 Hora: 20:00

Ainda não recebi nenhuma mensagem dos meus pais, começo a ficar preocupado, a última vez que falei com eles foi há 14 dias, a quarentena no Bloco B começou à 13 dias...

O meu pai garantiu-me que iam abandonar o Bloco mas começo a perder as esperanças...

As últimas notícias relatam que a infecção se alastra incontrolavelmente, depois de uma falha de segurança no Bloco A que demonstrou os resultados catastróficos da quarentena, toda a população tinha sido ou morta ou infetada... O Bloco central (Bloco C) da nave tem espalhado anúncios diariamente afirmando que a situação não é alarmante, que lutam diariamente contra os infetados e a cura está próxima, mas a propaganda não parece convincente e o vírus e os infetados aproximam-se cada vez mais do domínio de Lisboa. Espero que as coisas melhorem. Falando de um tema mais agradável acho que finalmente a Inês reparou em mim, vamos sair daqui uma semana quando os exames acabarem, desejem-me sorte! A desligar...

--120 Dias Depois--

Entrada de Diário 180:

Localização: Lisboa City-Starship, Bloco E (Centro de Estudo e Desenvolvimento de Capacidades Camões- CEDCC), Caves

Data: 24 de Abril de 2114 Hora: 00:30

A minha relação com a Inês mantêm-se e está melhor do que nunca, ela tem sido o meu apoio desde que soube que os meus pais tinham sido infetados, nunca tive uma prova concreta mas as últimas notícias indicam que apenas o Bloco E está ativo, até mesmo o Bloco C com todas as suas instalações e medidas de proteção foi infetado e corrompido, o Bloco D neste momento deverá estar nas últimas... O último comunicado que saiu do Centro de Controlo de Lisboa diz "Meus caros cidadãos, fomos invadidos, mais de 75% da nave está infetada, usámos todos os mecanismos possíveis para conter a ameaça, mas não foi o suficiente. Daqui o Capitão da Lisboa City-Starship Afonso Aiam...BANG"... Ou seja estamos sozinhos e a infecção deverá estar próxima. Como podem ver estou a escrever através de uma das bases das Caves, a direção do CEDCC transferiu todos os alunos e staff cá para baixo como medida de segurança, além disso todas as defesas foram ativadas e todas as áreas desde as ciências as artes tentam ajudar como podem, talvez seja este o espírito camoniano de que os livros do século passado vêm a falar.

Vou desligar, nem sequer deveria estar a escrever isto, se sou apanhado por um dos monitores, estou tramado...A desligar...

-- 28 Dias Depois--

Entrada de Diário 182:

Localização: Lisboa City-Starship, Bloco E (Centro de Estudo e Desenvolvimento de Capacidades Camões- CEDCC), Sala do Diretor

Data: 21 de Maio de 2114 Hora: 04:56

O meu nome é Ed, tenho 18 anos e sou o último sobrevivente da Lisboa City-Starship, o grupo que vinha comigo não sobreviveu, vi a Inês a ser despedaçada e a transformar-se a minha frente, não consegui fazer nada sem ser acabar com o seu sofrimento... Apesar dos nossos esforços a infeção não parou, o CEDCC não conseguiu aguentar...

Eles vêm aí, sinto-os cada vez mais próximos, muito sinceramente nunca pensei que iria morrer desta maneira (acho que nunca tinha sequer pensado nisso), antes de deixar as caves pela última vez trouxe comigo um isqueiro que o meu pai me deu, quando ainda era rapaz e um maço de tabaco, não tinha intenção de fumar mas devido às circunstâncias... Vou encostar-me á estátua de Camões, acender um cigarro, enviar uma mensagem de socorro em conjunto com os meus diários, dar o último bafo, e por fim logo vejo como decido ir... A enviar... A desligar...

-- A 500 anos-luz da Lisboa City-Starship--

Localização: Porto City-Starship, Bloco C (Centro de Controlo do Porto), Sala do Capitão

Data: 11 de Outubro de 2114 Hora: 14:30

Computador Central: A receber mensagem da Lisboa City-Starship... Mensagem Recebida:

Localização: CEDCC (Antigo Lyceu Camões), Sala do Diretor...

Assunto: S.O.S:

“O meu nome é Ed, tenho 18 anos e sou o último sobrevivente da Lisboa City-Starship...”

## Mortis Voluntariae

*Pedro Castro 10º J*

E estava ele, calmo e sereno, caçadeira em punho, na escadaria do pátio sul, vendo os outros disfrutando da própria felicidade, pronto para fugir. Ninguém pareceu reparar até o puxar do gatilho e do som podrido da morte.

Por um lado, uma demonstração de fraqueza, de não aguentar o presente, nem esperar nada melhor do futuro, por outro, uma grandiosa coragem, de acabar com tudo, enfrentando o medo que muitos não enfrentam, de haver algo melhor adiante. Poderia ter sido um grande homem, poderia ter sido um dos melhores escritores do seu século, poder-se-ia ter apagado no mundo e tornar-se apenas mais uma vida insignificante, igual a tantas outras, mas não. Tornou-se o que era, e assim ficou.

Um rapaz de 20 anos, ambicioso e corajoso, possuidor de ideais e confiança, mas que um dia desfaleceu, e ao desfalecer, entregou-se de corpo e alma a essa tristeza e essa dor, não por ser fraco, mas sim por ser forte. A sua sorte – ou falta dela - igual à de muitos outros, mas sobre ela, ele saiu vencedor, não lhe dando mais hipótese alguma de o esperar ou iludir.

Pessoas a gritar, caos total. O seu corpo embatendo violentamente o chão, e o seu génio, espírito, alma e pensamento partindo, deixando uma agonia no coração de todos aqueles que lhe eram queridos e uma mensagem a todos que o conheciam e aos que pelo menos reconheciam o seu rosto. Mandou queimar todos os seus escritos, não deixando qualquer hipótese de reconhecer o seu génio ou tentar entrar na sua cabeça para a compreender.

Mas na verdade essa tentativa de o compreender seria vã, a lógica das suposições não satisfaria a nossa dúvida nem apuraria sequer metade das verdadeiras causas, apenas guardadas para si mesmo, ou resultado de uma série de acontecimentos bons ou maus, que o levaram á deliberação final.

O desejo pelo suicídio é algo que vai nascendo, acomoda-se num cantinho da nossa mente, e fica lá, quieto, mas raramente se vai embora. Atormenta-nos, em todos os nossos actos, todos os nossos pensamentos, todos os nossos planos. E deixamos de controlar quando a bomba irá explodir, se é que alguma vez

controlámos, e quando explode, a decisão é nossa. Um pensamento momentâneo pode acabar tudo, assim, num estalar de dedos, quando, quem sabe, teríamos um futuro feliz. É essa possibilidade que muitas vezes incapacita esse desejo pelo suicídio, é esse medo que nos consome ainda mais pois gera-se uma enorme confusão na nossa cabeça. Queremos tomar a decisão, queremos escolher o caminho, possivelmente o errado, que é um beco. E sabendo isso, vamos pelo caminho que continua (mas é desconhecido) por curiosidade; o outro caminho sabemos onde acaba.

Foi Tomás há cerca de cem anos atrás, mas poderia ser com o João hoje, comigo amanhã, com o Jorge em um mês ou o Roberto daqui a cem anos. O suicídio é uma opção constante, uma solução para todos os problemas, uma solução para morrer.

Os suicidas na sua maioria apenas pretendem chamar a atenção, por isso muitas vezes não fazem algo totalmente letal ou avisam as pessoas mais próximas, como dizendo “eu estou aqui mas posso desaparecer a qualquer momento”. Cabreira é capaz de ter sido um desses casos, não querendo apenas chamar a atenção, mas talvez mandar uma mensagem: “Ei, eu sempre estive aqui, nunca ninguém quis saber, agora vão todos lembrar-se de mim”. Se não, porque se suicidaria na escola, podendo-o fazer no “conforto” do seu lar?

Talvez depois do puxar do gatilho, por um nano segundo, se tenha arrependido, ou talvez esteja arrependido para sempre, ainda esteja arrependido hoje.

Mas hoje, foi esquecido. Esquecido na sombra de Mário de Sá Carneiro, do seu pai ou na sombra ‘do rapaz que se suicidou na escola secundária de Camões’, sendo a sua sombra verdadeira apagada. Difícil perceber hoje as razões que o levaram a acabar com a vida, mas mesmo desconhecendo-as, aqui lhe presto uma homenagem e mostro respeito pela sua memória.

Em 1911, Tomás Cabreira Júnior suicidou-se.